

AMIZADE COM PROPÓSITO

INTRODUÇÃO

1. Os que experimentaram o poder da graça de Cristo têm uma história para contar. Muitos creem que trazer pessoas para Cristo é apenas dar estudos bíblicos, bater à porta de desconhecidos ou dirigir evangelismo público. Se não o fazem, sentem-se desanimados, culpados e não são felizes.

2. Os adventistas precisam seguir o método de Cristo que, além de ter sido o maior evangelista, é a cabeça e o fundamento da igreja (ver Cl 1:18; Ef 2:20).

I – O MÉTODO DE CRISTO

1. Ellen G. White escreveu: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito à tarefa de se aproximar do povo. O Salvador Se misturava com as pessoas como alguém que lhes desejava o bem. Ele compadecia-Se delas, atendia-lhes às necessidades e ganhava-lhes a confiança. Ordenava, então: ‘Sigam-Me!’” (Jo 21:19; *A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

2. Há cinco passos relevantes nessa declaração sobre o ministério de Jesus:

a) “Ele misturava-Se com os homens desejando-lhes o bem.”

1) Toda vez que você se aproxima de um amigo, familiar ou colega de trabalho que já sabe que você é cristão, ele se colocará em atitude de defesa porque sabe que você vai falar de algo espiritual: “Se você quer ser meu amigo, não me fale de religião nem de política.” Jesus Se

aproximava das pessoas como alguém que lhes desejava fazer o bem. Todos nós gostamos de que nos façam o bem. Jesus disse que seríamos pescadores de homens (ver Mc 1:17).

2) Cristo prezava a sociabilidade (Lc 5:29-32).

3) Sua presença no casamento em Canaã da Galileia (Jo 2:1, 2).

b) “Manifestava simpatia.”

1) Como ser simpático? Converse a respeito dos interesses da pessoa, seja bom e cortês. Saiba o nome e a data do aniversário de seus vizinhos, bata-lhes à porta no dia do aniversário e dê-lhes algo singelo com um abraço. Isso deixa o vizinho desarmado. Você estará cultivando o solo para levar seu vizinho a Cristo.

2) Jesus demonstrou profunda simpatia e ternura para com o jovem rico (Mc 10:21).

3) Zaqueu teve a visita de Cristo em seu lar como demonstração de simpatia e amizade (Lc 19:5).

c) “Ministrava-lhes as necessidades.”

1) A multiplicação dos pães (Mt 14:13-21; 15:32-39).

2) A transformação da água em vinho nas bodas de Canaã (Jo 2:1-12).

3) Cristo Se preocupava com as pessoas em suas necessidades reais e sentidas.

d) “Granjeava-lhes a confiança.”

1) O diálogo de Jesus com a mulher samaritana gerou um clima de confiança e aceitação. Ela encontrava dificuldades para confiar em alguém, uma vez que era

rejeitada por sua comunidade. As avenidas da alma daquela mulher foram abertas para que o evangelho fizesse diferença em sua vida (Jo 4:1-30).

2) Nicodemos é outro personagem do qual Jesus conquistou a confiança. Ele disse: “Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que Tu fazes, se Deus não estiver com ele” (Jo 3:2).

e) “Ordenava então: ‘segue-Me.’”

1) Mateus recebeu essa ordem diretamente de Cristo (Lc 5:27-28).

2) Os discípulos foram chamados para segui-Lo (Mt 4:18-22).

3) As multidões O seguiram (Mt 19:1-2).

II – PRATICANDO O MÉTODO DE CRISTO

1. A igreja apostólica seguiu o exemplo de Cristo ao desenvolver companheirismo entre seus membros (At 2:42-47).

a) Foi estabelecida na igreja a *koinonia* ou comunhão em que o relacionamento humano era essencial (At 2:44).

b) Foram escolhidos os diáconos para servir às mesas (At 6:1-2).

c) Foi instituído o serviço assistencial de Tabita ou Dorcas (At 9:36-43).

2. A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi chamada a seguir o método de Cristo.

a) Ellen G. White escreveu: “A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para

servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio tem sido plano de Deus que, através de Sua igreja, seja refletida para o mundo Sua plenitude e suficiência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo; e pela igreja será, a seu tempo manifesta [Sua glória], mesmo aos ‘principados e potestades nos Céus’ (Ef 3:10), a final e ampla demonstração do amor de Deus” (*Atos dos Apóstolos*, p. 9).

b) De forma semelhante, a igreja precisa ser:

- 1) Comunitária (com desenvolvimento de projetos especiais).
- 2) Amistosa na sociedade em que está inserida.
- 3) Servidora ao seguir o exemplo de Cristo (Mc 10:45; At 10:38).

CONCLUSÃO

1. Quero animá-lo a compartilhar o amor de Jesus mediante o método simples da amizade. Não há maior alegria do que ver nossos familiares e amigos tomarem a decisão de ser batizados. Faça a prova por você mesmo. Não fique apenas ouvindo a experiência dos outros!

Pr. Daniel Romero
União Peruana do Sul

EVANGELISMO DA AMIZADE

João 1:32-42

INTRODUÇÃO

1. Quando se fala sobre os discípulos de Jesus, que nome lhe vem à mente? Posso ver as mãos levantadas para: Pedro? Mateus? João? Judas? Tiago? André?

2. Entre os discípulos, André não era o mais famoso. Porém, é conhecido como Protocletos (o “primeiro [a ser] chamado”), por Jesus no evangelho de João.

3. André é um exemplo de como devemos nos envolver no Evangelismo da Amizade.

4. A amizade é um caminho promissor pelo qual as pessoas se tornam cristãs. A maioria dos membros da igreja teve seu primeiro contato com a igreja através de parentes e amigos.

5. Podemos aprender com André a compartilhar Jesus com familiares, amigos e vizinhos por meio da amizade.

I – QUE TIPO DE PESSOA ERA ANDRÉ?

1. O nome André significa varonil ou vencedor. Era pescador no mar da Galileia. Nasceu em Betsaida e residia em Cafarnaum.

2. André era uma pessoa comum. No Novo Testamento, seu nome é mencionado apenas 12 vezes, diferentemente do extraordinário Pedro, seu irmão, cujo nome é mencionado 153 vezes.

3. Ao chamá-lo para o ministério, Cristo não o fez buscando uma pessoa extraordinária, brilhante; mas, alguém que tinha um coração sensível e maleável.

4. No momento em que João Batista apontou para Jesus como o Messias, André não teve dúvida em deixar tudo e segui-Lo (ver Jo 1:35-40).

5. Deus ainda hoje procura pessoas como André. Pessoas de coração aberto e maleável, dispostas a evangelizar no seu círculo de vizinhos e amigos.

6. Pessoas que oram: “Sonda-me, Senhor, e prova-me, examina o meu coração e a minha mente; pois o Teu amor está sempre diante de mim, e continuamente sigo a Tua verdade” (Sl 26:2-3).

II – QUE TIPO DE ENCONTRO TEVE ANDRÉ?

1. Ler João 1:35-40.

2. Que momento! Jesus, o prometido Messias, por tanto tempo esperado, estava ali, falando face a face e perguntando: “O que você está buscando?”

3. Se Jesus sabe todas as coisas, porque fez essa pergunta? Ele deseja que expressemos nossos desejos e intenções.

4. Antes de fazer algo pela salvação de outros, precisamos encontrar nossas respostas em Jesus.

5. André perguntou: “Mestre, onde estás hospedado?” Ele mostrou que desejava estar com o Senhor para conhecê-Lo melhor. Queria ter íntima comunhão com Cristo.

6. Jesus respondeu: “Venha comigo e veja.” O chamado é um convite para o relacionamento do discipulado.

7. André caminhou com Jesus, conversou com Ele, passou o dia com Ele, e ficou convencido de que Ele era o Messias.

8. Você nunca vai encontrar Jesus antes de responder Sua primeira pergunta. Você sente necessidade de um novo encontro com Jesus? O convite para você ainda é o mesmo: “Vem comigo! Segue-Me!”

9. Satisfação genuína e duradoura só é encontrada em Cristo. “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei” (Mt 11:28).

III – QUE TIPO DE INFLUÊNCIA TINHA ANDRÉ?

1. Ler João 1:41-42.

2. Qual foi a primeira coisa que André fez depois de ter conhecido Jesus? Ele correu para seu irmão Pedro com a emocionante notícia: “Encontramos o Messias!”

3. A influência de uma pessoa comum como André foi significativa para uma pessoa extraordinária como Pedro.

4. O lugar primordial para testemunhar é a família. Foi o lugar especial para André, porque a salvação deve ser compartilhada com os parentes.

5. Toda vez que André é mencionado no Evangelho de João, ele está ajudando outros a encontrar Jesus.

a) Foi assim com o menino que entregou os pães e os peixes os quais Jesus usou para milagrosamente alimentar as multidões (ver Jo 6:8-9).

b) André tinha feito amizade com o menino, passou tempo com ele, foi acessível, gentil, atencioso, sincero e pode levá-lo a Jesus.

c) Foi assim com os gregos que queriam ver Jesus. André é nosso grande exemplo de alguém que não podia guardar Jesus para si (ver Jo 12:20-22).

6. Não podemos mudar as pessoas, nem resolver seus dilemas ou pecados, mas, podemos apresentá-las Àquele que tudo pode fazer.

7. André viveu para conduzir pessoas a Jesus. Segundo a tradição cristã, ele passou seus últimos dias pregando na Grécia, onde foi preso e condenado à morte. Por dois dias pendurado numa cruz em formato de X, ele pregou o Evangelho e muitas pessoas foram conduzidas a Jesus por seu testemunho.

8. Essa foi a influência de André. É essa a influência que você pode ter. Você não precisa ser uma pessoa extraordinária. Tudo que você precisa fazer é aproveitar seu círculo de amizade e contar o que Jesus significa pra você.

CONCLUSÃO

1. Nem todos podem ser um Pedro, mas todos podem ser um André. Ele era uma pessoa comum, teve um encontro pessoal com Cristo e levou outros a ter sua experiência com o Mestre.

2. Ser um André não envolve métodos extravagantes de evangelismo. Ser um André significa levar os parentes, vizinhos e amigos a Jesus. Dizer-lhes “Encontrei o Messias, venham e vejam”!

Cícero Ferreira Gama

é Secretário Ministerial da União Leste Brasileira

ALCANÇANDO OS VIZINHOS

Atos 28:1-15

INTRODUÇÃO

1. Paulo viajava num navio com outros 275 presos com destino a Roma. O apóstolo seria julgado por César. Após longa viagem, um tufão seguido por tempestade causou um naufrágio, mas todos sobreviveram. Era o inverno de 60 ou 61 d.C. e chegaram à praia de Malta.

2. Malta: ilha ao Sul da Itália. Fora dominada por Roma em 218 a.C. Até hoje, nessa ilha (um país independente) existe a chamada Baía de São Paulo, onde tradicionalmente se acredita ter ocorrido o naufrágio.

3. Paulo e os outros permaneceram em Malta por 3 meses, até o fim do inverno. Ali, encontraram os moradores da ilha, dos quais não esperavam coisa boa. Mas, naqueles três meses, tanto Paulo quanto os malteses passaram a ter um relacionamento amistoso.

I – ENXERGANDO A COMUNIDADE COM O OLHAR DE CRISTO

1. Ler Atos 28:1-6.

2. Assim como os malteses e os naufragos do relato bíblico, a humanidade está dividida.

a) O texto bíblico transmite um quadro de isolamento: uma ilha distante, um povo de outra língua, pessoas suspeitas chegando. Era um encontro de estranhos.

b) Da mesma forma, a humanidade está dividida. Às vezes, não conhecemos nem nosso vizinho. A vida moderna nos distancia ainda mais uns dos outros.

c) De alguma forma, evitamos o contato com as pessoas, nós fechamos para elas, e elas se fecham para nós. Assim também fechamos a porta para que outras pessoas conheçam a Deus.

3. A tragédia une as pessoas.

a) Apesar de os naufragos serem estranhos, os habitantes da ilha, “bárbaros” (nome dado às pessoas que não falavam o idioma oficial do Império), os ajudaram.

b) Em muitos lugares, em razão de catástrofes, as comunidades têm se unido em busca de alternativas que ajudem às pessoas.

4. Na verdade, as pessoas estão mais receptivas a algum contato do que imaginamos.

5. Assim como em Malta, hoje a sociedade está receptiva ao nosso contato. Vivemos uma abertura religiosa e cultural.

a) As pessoas da comunidade praticam ações bondosas e têm censo de justiça (Rm 2:14). Conhecem a Deus, mas não conhecem toda a verdade sobre Deus.

b) É o amor de Deus que age por meio delas.

6. Os integrantes da comunidade precisam ser vistos como irmãos.

a) Dificilmente são inimigos. Na verdade, nossos inimigos não são de carne e osso (ver Ef 6:12).

b) Precisamos ver as pessoas de maneira diferente: não com o olhar da indiferença ou da descrença, mas com o olhar de

Cristo. É enxergar no vizinho um futuro cristão. É ver uma igreja onde ela ainda não existe.

II – PRECISAMOS SER VISTOS COMO O POVO DA ESPERANÇA

1. Ler Atos 28:7-10.

2. A presença de Cristo em nós nos torna:

a) *Pessoas que querem ajudar.* Paulo protegeu a vida dos presos e até os ajudou a recolher gravetos para a fogueira (ver At 28:3). Pequenos atos de bondade cativam as pessoas. “É necessário pôr se em íntimo contato com o povo mediante esforço pessoal. Se se empregasse menos tempo a pregar sermões, e mais fosse dedicado a serviço pessoal, maiores seriam os resultados que se veriam. Os pobres devem ser socorridos, cuidados os doentes, os aflitos e os que sofreram perdas confortados, instruídos os ignorantes e os inexperientes aconselhados. Cumpre-nos chorar com os que choram, e alegrar-nos com os que se alegram. Aliado ao poder de persuasão, ao poder da oração e ao poder do amor de Deus, esta obra jamais ficará sem frutos” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 144).

b) *Pessoas que vivenciam milagres.* No texto bíblico, há três fatos extraordinários: um grave naufrágio sem mortes; Paulo tendo sido picado por uma víbora, não morre; a cura do pai do prefeito e dos doentes da comunidade (ver At 27:41-44; 28:8, 9). Há um poder sobrenatural que nos acompanha. Milagres tem acontecido entre nós, mas nossa ênfase está na Palavra.

c) Ilustração: Alguém perguntou para uma jovem adventista: Por que não expulsam demônios na sua igreja? A moça respondeu: “porque eles não entram lá.”

3. Por meio do cristão fiel, Deus realiza milagres na vida das pessoas.

a) A narrativa do texto bíblico traz outros milagres: soldados não matam os prisioneiros; prisioneiros não se rebelam; o povo desperta para a fé.

b) Mas, o maior milagre ocorre quando uma pessoa aceita Cristo como seu Salvador.

4. Precisamos ser representantes de Cristo para que a comunidade nos veja a partir de outra perspectiva.

a) Como embaixadores (ver 2Co 5:20).

b) Indo até as pessoas, nos misturando com elas e rompendo os preconceitos.

c) Levando Cristo a elas pelo que fazemos e falamos.

CONCLUSÃO

1. Sua igreja “faz parte” do bairro em que está, ou parece distante do povo? A comunidade consegue enxergar Jesus em sua igreja ou vê apenas mais uma “placa”?

2. Você conversa com seus vizinhos? Acredita que eles podem ser salvos? Por outro lado, seus vizinhos veem em sua vida um convite à salvação?

3. Jesus nos chama a contemplar as pessoas da comunidade com Seu olhar. Também nos chama a mostrar em nossa vida quem Ele é.

Diogo Cavalcanti é editor associado
na Casa Publicadora Brasileira

**COMISSÃO
EM AÇÃO**

Mateus 28:16-20

INTRODUÇÃO

1. As palavras de Cristo registradas no final do Evangelho de Mateus são conhecidas como “a grande comissão”.

2. Esse pequeno discurso possui uma estrutura tríplice: uma declaração, uma ordem e uma promessa.

a) Cada parte contém a palavra “toda”, “todas” ou “todos”, indicando completude ou abrangência máxima. O tema central é o discipulado.

I – A AUTORIDADE DE JESUS

1. A frase inicial de Cristo foi direta e carregada de significado: “Toda autoridade Me foi dada” (Mt 28:18). A palavra grega utilizada aqui para “toda” é *exousia*, que significa “autoridade dotada”, “habilidade, poder ou força com que alguém é dotado”.

2. Jesus recebeu *total* autoridade da parte do Pai, no Céu e na Terra.

a) É inevitável associar esse texto com a visão de Daniel sobre o Filho do Homem (ver Dn 7:13, 14).

b) No mesmo capítulo, é assegurado que o reino pertencerá também aos “santos do Altíssimo” (Dn 7:18, 22, 27).

c) Conforme o Novo Testamento, os seguidores de Cristo foram constituídos reino e sacerdócio (Ap 1:5, 6) e reinarão com Jesus (Ap 3:21; 20:6).

3. Por meio dessa autoridade compartilhada, Cristo nos permite participar não somente de Seus méritos, mas também de Sua vitória sobre o pecado e Satanás (Lc 10:19; Rm 16:20; Ap 12:11).

II – A ORDEM DE JESUS

1. É com base nessa autoridade de Jesus, que Ele introduz uma ordem (ver Mt 28:19, 20a).

a) A palavra “portanto” (*oun*, em grego) é um termo-chave no texto. O motivo apresentado por Cristo para que aceitemos o desafio do discipulado é a autoridade suprema dAquele de quem somos embaixadores.

b) Essa autoridade é também a garantia de que teremos sucesso ao discipular.

2. Depois do “ide”, vem o “fazei discípulos”.

a) É interessante que Cristo tenha ordenado aos *discípulos* que fizessem outros *discípulos*. Jesus é o Pastor (Jo 10:11); nós somos Suas ovelhas (Sl 100:3), e é de se esperar que ovelhas gerem outras ovelhas.

b) Deus deseja que um pecador, redimido por Ele, alcance outro pecador. “Era desígnio do Salvador que, depois de subir ao Céu, para ali interceder em favor dos homens, Seus seguidores prosseguissem com a obra por Ele iniciada” (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 8).

3. Ao definir o campo missionário de Seus seguidores, Jesus falou de “*todas as nações*”.

a) “Nações”, em grego, é *ethnos*, de onde vem a palavra etnia. A ordem de Jesus abrange *todas* as pessoas, de *todos* os grupos étnicos, religiosos e sociais, sem qualquer distinção.

b) *Todos* devem ser alvo de nosso discipulado, em nossa vizinhança, no local de trabalho, na faculdade, e mesmo nos locais de recreação.

4. Enfatizando novamente a ideia de totalidade, Cristo nos manda ensinar “*todas* as coisas que vos tenho ordenado”.

a) A Palavra de Deus é *toda* inspirada (2Tm 3:16).

b) Quem suprimir ou adicionar algo a ela será punido e desconsiderado por Deus (Ap 22:18, 19; Mt 5:17-19).

c) Ao fazer discípulos, nosso ensino bíblico deve ser exato e completo.

III – A PROMESSA DE JESUS

1. Depois de uma declaração inspiradora sobre Sua autoridade e uma empolgante ordem para fazer discípulos, Cristo fechou Seu discurso de maneira magistral, com uma linda promessa: “Estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28:20b).

a) A intenção de Deus, de estar sempre presente com os seres humanos, está clara em toda a Bíblia.

b) Desde o Éden (Gn 3:8), passando pelo santuário (Êx 25:8), até a Nova Jerusalém (Ap 21:1-4), a presença divina sempre “perseguiu” a humanidade, a fim de salvá-la. Então, o próprio Filho de Deus prometeu acompanhar pessoalmente o trabalho de Sua igreja.

c) O Salvador estaria sempre presente, o que seria possível por meio do Espírito Santo prometido por Ele mesmo pouco tempo antes (Jo 14:16).

d) Jesus não prometeu estar conosco apenas nos dias ensolarados e tranquilos, mas em *todos* os dias, o que inclui

também os momentos turbulentos e tenebrosos da vida, quando mais precisamos da presença de Deus.

2. O Evangelho de Mateus termina com a mesma nota tônica com que começou: “Deus conosco” (Mt 1:23).

3. Mas, apesar de ser uma linda promessa, precisamos colocá-la em seu devido contexto.

a) A promessa de Mateus 28:20 foi dada dentro do tema “missão”. Isso é, Jesus prometeu estar conosco sempre, mas especialmente quando estamos envolvidos na obra de fazer discípulos.

b) Isso significa que, se você deseja ter a presença de Deus em sua vida de maneira especial, é necessário se envolver com a salvação de alguém!

CONCLUSÃO

1. Jesus tem toda a autoridade no Céu e na Terra e compartilha conosco os frutos e o poder resultantes dessa autoridade.

2. Com base nisso, Cristo nos deu a solene ordem de fazer discípulos e transmitir-lhes com fidelidade a Palavra de Deus.

3. Ao nos envolvermos com o discipulado, temos sucesso garantido pelo próprio Deus – só resta fazer nossa parte!

4. Diante de tanto poder disponível e tanta certeza de vitória, por que não começar, hoje mesmo, a cumprir a missão que Deus lhe deu?

Pr. Eduardo Rueda

Editor na Casa Publicadora Brasileira

O CHAMADO PARA O DISCIPULADO

Números 10:29-32

INTRODUÇÃO

1. É muito bom receber um convite. Os amigos apreciam convidar e ser convidados. Um convite expressa o desejo de que aceitemos algo e nos comprometamos com isso. Um pedido de casamento, uma proposta de emprego ou o despertar de uma vocação são “convites” que, se aceitos, implicam em assumir responsabilidades comprometedoras.

2. Moisés, o líder do povo de Deus, fez um convite a Hobabe que incluía riscos e responsabilidades. O convite de Moisés a Hobabe é um tipo do chamado que Deus nos faz para o discipulado.

a) O Senhor nos convida a acompanhar Seu povo peregrino a caminho da Terra Prometida. Esse convite inclui compromisso com a missão.

b) No chamado de Deus feito a Hobabe, por intermédio de Moisés, encontramos quatro características fundamentais:

I – O CHAMADO DIVINO INCLUI UMA PROMESSA (V. 29)

1. Deus promete abençoar Seu povo. Hobabe foi convidado a participar do cumprimento da promessa ao acompanhar o povo de Israel até Canaã.

a) Deus sempre quer nos abençoar com coisas boas (Jr 29:11-13).

b) O chamado ao discipulado inclui o privilégio de ser abençoado por Deus.

2. A promessa precisa ser estendida também aos novos discípulos. Moisés convidou seu parente, Hobabe, para que participasse das bênçãos de Deus.

a) O novo discípulo deve ser instruído a respeito da recompensa prometida aos que seguem a Cristo. “A igreja de Deus é o recinto de vida santa, plena de variados dons e dotada com o Espírito Santo. Os membros devem encontrar sua felicidade na felicidade daqueles que ajudam e abençoam” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 12).

II – O CHAMADO DIVINO É INSISTENTE (V. 30)

1. Hobabe recusou o convite de Moisés. Preferiu permanecer em sua terra com seu povo. Por que sacrificar a estabilidade do lar em troca de um futuro incerto numa terra distante? Moisés, entretanto, sabia que Deus tinha algo a oferecer no fim da jornada.

2. Deus não desiste de nos oferecer a salvação. No entanto, após aceitarmos Sua salvação, somos convidados a compartilhar essa mensagem. O convite espiritual nem sempre apresenta resultados positivos e imediatos, mas Deus persiste em convidar. Finalmente, cabe a cada um aceitar ou rejeitar.

3. Somos responsáveis pelo ato de convidar com insistência aqueles que ainda não aceitaram a Cristo como Seu Salvador.

a) Precisamos convidar nossos filhos, familiares, amigos e vizinhos para que acompanhem o povo que guarda os mandamentos de Deus, tem a fé em Jesus (Ap 14:12) e está se preparando para entrar na Canaã celestial.

b) Devemos convidá-los para que se tornem discípulos de Cristo.

III – O CHAMADO DIVINO IMPLICA UMA MISSÃO (V. 31)

1. “E nos servirás de guia”. Hobabe conhecia bem o deserto e os melhores lugares para acampar durante a peregrinação até Canaã. Moisés o convidou para guiar o povo rumo à terra da promessa.

a) Mas o povo de Israel não estava sendo guiado pela coluna de fogo e a nuvem do Senhor? Por que precisavam de ter Hobabe como guia?

2. A providência divina não menospreza a aptidão nem o auxílio do ser humano. Deus conta com a colaboração de cada um para o avanço de Sua missão na Terra.

a) Além da orientação de Deus, precisamos encontrar direção no bom senso e na inteligência de que Deus nos dotou. Devemos também estar dispostos a nos aconselhar com pessoas mais sábias e a entender a percepção delas a respeito das decisões que precisamos tomar.

b) Deus espera que Seus discípulos sejam Seus instrumentos neste mundo. Ele conta conosco para guiar outras pessoas ao lar celestial.

IV – O CHAMADO DIVINO É UM CONVITE PARA PARTICIPAR DA HERANÇA ETERNA (V. 32)

1. Em Juízes 1:16 e 4:11, encontramos os descendentes de Hobabe habitando na parte que lhes coube como herança em Canaã.

2. O convite da graça é para que tomemos posse da herança eterna.

a) “Palavras são insuficientes para expressar o valor da herança imortal. A glória, a riqueza e a honra oferecidas pelo Filho de Deus são de infinito valor, e está além da capacidade

humana alcançar uma exata compreensão de sua dignidade, excelência e magnificência (Ellen G. White, *Visões do Céu*, p. 53).

3. A vida eterna é para mim e para você. Entretanto, alguns mergulham no pecado e recusam os graciosos convites da graça. Mas Jesus tem mansões preparadas para os remidos. Deus tem uma herança para dar a você: a eternidade!

CONCLUSÃO

1. Você aceita esse convite? Aceita igualmente convidar outros para receber a herança da vida eterna?

a) Quem convida outros para peregrinar rumo à Canaã Celestial, ouvirá o convite divino para erguer os olhos e contemplar o fim de todo mal, de toda dor, de todo sofrimento. Deus o convidará para contemplar a eternidade sem fim.

b) Hoje, o Senhor Jesus nos convida a andar com Seu povo peregrino e guiar outras pessoas rumo ao lar.

Pr. José Mauro Ferraz

*Diretor dos Ministérios de Publicações,
Espírito de Profecia e Saúde na Associação
Sul-Espírito Santense*

SERMÃO 06**A MISSÃO E A
PÓS-MODERNIDADE***Atos 17:32***INTRODUÇÃO**

1. Os tempos modernos testificam das mudanças culturais pelas quais atravessa a humanidade.
2. Vivemos numa época extremamente desafiadora para a pregação do evangelho.
 - a) Como falar de verdades absolutas para mentalidades pós-modernas?

I – MARCAS DO PÓS-MODERNISMO

1. Ler Colossenses 2:8.
2. O pós-modernismo impregnado em todos os segmentos da sociedade tem deixado suas marcas na vida das pessoas.
3. Essas marcas aparecem de várias formas.

a) *Imediatismo (aqui e agora).*

1) De acordo com a Bíblia, os eventos históricos obedecem a um propósito divino. O pós-modernismo nega o tempo como dimensão explicativa dos eventos e se preocupa apenas com o presente.

b) *A verdade.*

1) Segundo o pós-modernismo, a verdade se encontra na comunidade e nas histórias dos seus componentes. Cada

pessoa tem sua verdade particular. Tudo é subjetivo e relativo.

2) Se nada existe no plano sobrenatural para decidir o destino humano, então a noção de verdade, o significado da existência e seus valores passam a depender da situação.

c) *Pluralismo.*

1) Não existem valores absolutos. Não há referencial nos valores e crenças nem um objetivo comum que possa ser considerado verdade ou fato.

d) *Globalização.*

1) As pessoas sabem que vivem numa aldeia global. O internet lhes dá acesso instantâneo ao mundo. Nesse contexto, o pós-modernismo planeja o estabelecimento de uma, assim chamada, “nova ordem mundial”.

e) *Igreja.*

1) Para a mentalidade pós-moderna, a igreja é um poder dominante que manipula o pensamento e tolhe a liberdade de expressão. É irrelevante e não acompanha as mudanças do mundo.

f) *A busca pelo transcendente.*

1) Somente a experiência e a emoção são aprovadas; doutrinas são irrelevantes. O cristianismo é apenas uma opção religiosa.

g) *Descompromisso.*

1) Não raro, pós-modernistas que se voltam para o cristianismo revelam tendências para escolher quais ensinamentos aceitar, e se mostram relutantes quando

são chamados a assumir compromisso pleno e permanente.

II – ALCANÇANDO A MENTALIDADE PÓS-MODERNA

1. Ler 1 Coríntios 9:20-22.

2. Paulo procurava alcançar as pessoas em seu devido contexto com a mensagem do evangelho.

3. Na tarefa de evangelizar indivíduos pós-modernos, precisamos considerar alguns pontos:

a) Contextualização.

1) Se o comunicador deseja ser ouvido e entendido, deve começar com o ouvinte onde ele se encontra; não onde imagina que ele esteja nem onde gostaria que ele estivesse.

2) A encarnação de Cristo é o maior exemplo de contextualização (ver Jo 1:14). As pessoas têm que receber a mensagem na linguagem que lhes seja inteligível. O exemplo de Paulo demonstra isso de forma clara (ver 1Co 9:22).

b) Metodologia adequada.

1) Segundo alguns historiadores, a sociedade do primeiro século lidava com situações semelhantes às da sociedade contemporânea, tais como: prostituição, prática do aborto, homossexualidade, envolvimento com espetáculos teatrais e danças, eventos esportivos, além de intenso materialismo.

2) Nossa tarefa é contar a velha história adaptando-a numa forma de linguagem e pensamentos capazes de comunicar seu significado a um auditório diferente. A história a ser contada é a mesma, porém o método, a

abordagem da comunicação, a fim de que nossa proclamação faça sentido ao mundo pós-moderno, é passível de mudança.

c) A atuação do Espírito Santo.

1) Cristo recomendou aos discípulos que não se ausentassem de Jerusalém sem que a promessa do derramamento do Espírito Santo fosse cumprida (ver At 1:4).

2) Mediante Seu poder e influência, o Espírito Santo, desenvolve em nós sabedoria, visão e tato para que identifiquemos possibilidades a fim de melhor pregarmos o evangelho para a mentalidade pós-moderna.

d) Visão evangelística.

1) A igreja não é do mundo, mas está no mundo (ver Jo 17:14-16).

2) Esse fato pressupõe a necessidade de a igreja desenvolver estratégias para cumprir a missão. Eis algumas delas:

a. Evangelismo da amizade.

1) Mark Finley, teólogo adventista, afirma: “O evangelismo pessoal é a melhor forma de ganhar o secularista. Somente pessoas conquistam pessoas num relacionamento humano interpessoal.”

b. Pregação relevante.

1) Nem sempre exposições teológicas são relevantes para a pessoa que luta contra o desespero. A pregação precisa alcançar as pessoas em suas necessidades.

c. *Projetos comunitários.*

1) Relacionamentos comunitários podem abrir portas entre os pós-modernistas.

2) São de grande importância os programas de saúde e educação para implantar valores físicos e morais nos jovens e nas crianças.

CONCLUSÃO

1. Ler 1 Crônicas 12:32.

2. A igreja precisa compreender o contexto cultural em que vive a fim de contextualizar devidamente a mensagem em sua proclamação.

Zinaldo Santos é editor na
Casa Publicadora Brasileira

Extraído e adaptado do livro
Teologia e Metodologia da Missão

SERMÃO 07

A GRANDE
(C)OMISSÃO

Mateus 28:18-20

INTRODUÇÃO

1. Nos últimos 50 anos, cerca de 13 milhões de fiéis deixaram a igreja. Para uma denominação religiosa que acaba de passar dos 20 milhões de fiéis, certamente isso é muito!

2. Devido a isso, um sinal de alerta tem sido acionado pelos líderes da denominação. Em 2013, um encontro em nível global reuniu líderes, teólogos e evangelistas para discutir a questão da nutrição e retenção de membros (adventistresearch.org/nurture_home).

a) Os congressistas reconheceram que a Igreja, talvez por uma visão limitada de missão, tem priorizado a persuasão para o batismo, mas negligenciado a tarefa igualmente essencial do discipulado.

3. Um olhar mais atento ao ministério de Jesus pode nos ajudar a fazer uma leitura mais ampla do texto da “grande comissão”, registrado em Mateus 28:18-20.

I – CRISTO, NOSSO MODELO DE MISSIONÁRIO

1. Missionário não é apenas aquele que atravessa o oceano para testemunhar de Jesus em outra cultura. Na verdade, é todo aquele que se apresenta disponível para testemunhar de Cristo no contexto em que vive: seja aqui ou além-mar.

2. Cristo foi missionário por excelência:

- a) na Sua encarnação encontramos a motivação para a missão (Fp 2:5-9);
- b) em Seu ministério temos o modelo para a missão (Lc 4:18, 19; Mt 9:35);
- c) na Sua morte, ressurreição, sacerdócio celestial e retorno iminente está a mensagem da missão (At 3:15; Ap 14:6-12);
- d) na comissão feita por Ele encontramos a ordem e a promessa da missão (Mt 28:18-20).

3. Nosso conceito de missão e nossa motivação para nos engajarmos nela determinam nossas práticas missionárias. Se entendermos missão apenas como proclamação de uma mensagem e não transformação de vidas, talvez nos contentemos em levar as pessoas ao batismo, sem nos preocupar com que se desenvolvam espiritualmente e se sintam parte de uma comunidade.

4. Segundo Ellen White, “o Salvador misturava-Se com os homens como alguém que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’ (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

- a) Observe que o convite para segui-Lo era feito depois de Jesus ter servido a pessoa, suprido as necessidades dela e ter construído uma relação de confiança.

II – A IGREJA: EXTENSÃO DE CRISTO

1. Tendo Jesus como a mensagem e Seu ministério como o modelo da missão, a igreja precisa se enxergar como Seus pés e Suas mãos hoje. Afinal, por ser o corpo de Cristo, a igreja tem uma ligação orgânica com seu Cabeça (Ef 5:23).

2. Das cinco referências bíblicas sobre a “grande comissão” (Mt 28:18-20; Mc 16:14-18; Lc 24:36-49; Jo 20:19-23; At 1:8), a mais completa delas foi registrada por Mateus.

a) Essa ordem de Cristo marcou o clímax do Seu ministério e a proclamação de uma nova era: o estabelecimento do reino da graça de Deus. A beleza e a profundidade de Mateus 28:18-20 tem intrigado muitos teólogos e missiólogos.

b) Muito se tem dito e escrito também sobre os tempos verbais das ações que aparecem nesse texto. No entanto, o teólogo Frederick Bruner enxerga nele cinco “todos” que apontam para a integralidade da missão: (a) *toda* a autoridade foi dada a Jesus; (b) o evangelho deve alcançar *todas* as nações; (c) precisa ser pregado em nome de *toda* a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo); (d) deve contemplar o ensino de *todas* as coisas; (e) na certeza de que teremos a direção divina por *todos* os dias.

III – FAZER DISCÍPULOS

1. Se o “coração” da grande comissão é fazer discípulos, é preciso pensar como isso acontece. A figura do discípulo remete a um contexto de aprendizagem, de ensino. O discípulo é alguém em construção que está disposto a ser transformado e seguir de perto os passos do Mestre.

2. Nessa linha, o teólogo adventista Russell Burrill defende que discipulado envolve:

a) submissão,

b) compromisso

c) disposição para o aprendizado. E, nesse processo, o discípulo é reconciliado com Deus, vive em comunidade (igreja) e serve o mundo (ministério segundo os dons).

3. Logo, o discipulado começa antes do batismo e se estende por toda a vida. Ele é progressivo, comunitário, mentoreado e referenciado em Cristo.

4. A igreja é uma comunidade de discípulos organizada para multiplicar discípulos.

a) Se isso não está claro para uma congregação ou se esse ideal não se reflete no investimento de tempo, esforço e dinheiro dessa comunidade, talvez ela esteja incorrendo na “grande omissão” em vez de estar engajada na grande comissão.

CONCLUSÃO

1. Se levarmos a sério a questão do discipulado, provavelmente o índice de apostasia da igreja, bem como de pessoas inativas no corpo de Cristo, será sensivelmente reduzido. Mais do que isso, o crescimento pode passar a ser exponencial.

2. Mais do que instruir formalmente alguém, o discipulador deve investir sua vida na vida do discípulo. Isso demanda tempo, convivência, intimidade e autossacrifício. Parafraseando Jesus, é preciso que o grão caia na terra e morra para poder gerar frutos (Jo 12:24).

Pr. Wendel Lima

Editor na Casa Publicadora Brasileira

UM DISCÍPULO COMPROMETIDO

Lucas 23:50-56; João 19:38-42

INTRODUÇÃO

1. José de Arimateia é mencionado nos quatro evangelhos, que descrevem seu esforço em prover uma sepultura digna para o corpo de Jesus. Ele era rico (Mt 27:59) e membro ilustre do Sinédrio (Mc 15:43). Lucas o chamou de bom e justo. Tinha boas relações com Nicodemos, outro membro do Sinédrio, que havia se encontrado com Jesus de noite (Jo 3).

a) Possivelmente, tenha sido o testemunho de Nicodemos que despertou o interesse de José de Arimateia (Jo 7:50-52).

2. José havia aceitado Jesus como sendo o Messias. No entanto, não tornou pública sua conversão, pois tinha medo dos judeus (Jo 7:13; 19:38). Eles haviam decidido que, se alguém confessasse ser Jesus o Messias, deveria ser expulso da sinagoga (Jo 9:22). Para José de Arimateia, isso significava perder seu cargo no Sinédrio e toda sua influência e prestígio.

a) Ele se deixou dominar pelo medo. Era um discípulo tímido e imaturo, que ainda não estava disposto a entregar e arriscar tudo por seu Mestre.

b) Sua hesitação lembra os cristãos que não testemunham publicamente de sua fé e que não estão dispostos a entregar tudo pelo Mestre.

I – DE TÍMIDO A COMPROMETIDO

1. A experiência da cruz mudou a atitude de José de Arimateia. Ao presenciar o sacrifício de Cristo, ele se comprometeu publicamente como discípulo.

2. De idêntica maneira, a experiência da cruz transforma a vida das pessoas, incluindo aquelas que têm um compromisso apenas superficial com Cristo.

a) “Ao meditar assim em Seu grande amor e sacrifício por nós, nossa confiança nEle será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos constantemente imbuídos de Seu Espírito.

Se queremos ser salvos afinal, teremos que aprender ao pé da cruz a lição de arrependimento e humilhação” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 83).

II – ATITUDE RENOVADA

1. Após entender o imenso amor de Cristo demonstrado em Seu sacrifício, José de Arimateia experimentou uma transformação em sua atitude para com o Salvador. O até então hesitante discípulo passou a agir como um discípulo comprometido do Mestre.

a) *O discípulo demonstra coragem para testemunhar do Mestre.* José se dirigiu “resolutamente” a Pilatos (Mc 15:43), dando testemunho público de sua fé perante o governador (Mt 10:18).

b) *O discípulo renuncia tudo pelo Mestre.* José se dispôs a perder tudo ao tornar pública sua fé em Cristo. Provavelmente, tenha sido destituído do Sinédrio, e tenha perdido seu prestígio e influência.

c) *O discípulo entrega o melhor para o Mestre.* José doou sua sepultura nova para Jesus. Também providenciou os tecidos de linho e, junto com Nicodemos, comprou unguentos caríssimos para preparar o corpo de Cristo.

d) *O discípulo respeita o que é sagrado.* José providenciou para que o corpo do Salvador não fosse jogado na cova em que eram enterrados os criminosos comuns. Sua atitude demonstra reverência e respeito.

e) *O discípulo se prepara e guarda cuidadosamente o sábado, o dia do Mestre.* Mesmo ocupado com o sepultamento de Jesus, José foi bastante cuidadoso com a guarda do sábado. Na hora de início do dia santo, já não mais estava ocupado com o sepultamento de Jesus.

III – MISSÃO PROFÉTICA

1. O discípulo conhece bem as Escrituras, especialmente as profecias. José de Arimateia, como membro do Sinédrio, era um grande conhecedor do Antigo Testamento. Ele foi usado por Deus para cumprir duas profecias bíblicas.

2. O discípulo aplica as profecias à sua vida. Em Isaías 53:9 estava predito que o Salvador teria a morte de um criminoso, mas seria sepultado como um rico. Isaías 22:16, descreve uma sepultura cavada na rocha. José de Arimateia conhecia as predições e foi usado por Deus para cumpri-las.

a) O comentarista Warren W. Wiersbe sugere que José de Arimateia interpretou as profecias referentes à morte do Salvador e providenciou antecipadamente que um túmulo fosse escavado na rocha próximo ao local de execução a fim de que Jesus fosse sepultado nele. Também comprou antes do feriado da Páscoa os tecidos e unguentos para o sepultamento de Cristo (*Comentário Bíblico Expositivo*, v. 6, p. 498, 499).

b) Ele teve consciência do tempo profético que vivia e da missão profética que devia desempenhar.

CONCLUSÃO

1. Assim como José de Arimateia, devemos buscar junto à cruz de Cristo a renovação de nosso compromisso com o Mestre. Fazemos isso ao meditar no amor de Deus e ao refletir sobre a descrição bíblica do sacrifício de Jesus.

2. Deus espera que testemunhemos publicamente nossa fé, estejamos dispostos a renunciar a tudo por Cristo, dediquemos nosso melhor a Deus, tenhamos reverência para com o que é sagrado, inclusive para com a observância do sábado.

3. Deus nos deu uma missão profética. Vivemos num tempo profético, e há profecias que dizem respeito a nós como povo de Deus dos últimos dias. Cabe-nos conhecer as profecias e entender o papel que devemos desempenhar no cumprimento da vontade de Deus no mundo.

Pr. Fernando Dias

Editor na Casa Publicadora Brasileira

SERMÃO 09

**MINISTÉRIO DE
TODOS OS CRENTES**

Efésios 4:11-13

INTRODUÇÃO

1. Cristo equipou Sua igreja com a dádiva dos dons espirituais.

a) É indispensável que cada membro da igreja tenha uma clara compreensão a respeito dos dons espirituais e suas funções.

2. O brado da reforma protestante no século 16, que buscou resgatar o ministério de todos os santos, precisa ecoar na mente dos cristãos modernos, motivando-os a exercer seu ministério junto à comunidade de crentes na qual congregam.

3. Cada cristão deve buscar descobrir e desenvolver os dons que lhe foram concedidos segundo a orientação divina.

I – A UTILIZAÇÃO DOS DONS

1. Ler Efésios 4:11.

2. Esse texto deixa claro que Cristo agraciou

Sua igreja com distintos dons espirituais.

a) A diversidade desses dons é uma necessidade da igreja que o Espírito atende conforme Lhe é conveniente (ver 1Co 12:11).

3. Os dons têm igual valor. Na ilustração do corpo humano (ver 1Co 12:12-31) Paulo deixa claro que cada dom concedido tem sua utilidade e valor.

4. Não é a visibilidade dos dons que lhes confere valor, mas o desempenho deles em favor da unidade da igreja.

a) Os dons não devem levar ninguém a um sentimento de vanglória, mas de disponibilidade para o serviço.

b) A Bíblia dá instruções quanto à finalidade do uso dos dons, bem como do resultado esperado dessa utilização.

II – A FINALIDADE DOS DONS

1. Ler Efésios 4:12.

2. Os dons espirituais foram concedidos à igreja para cumprir algumas finalidades:

a) *Aperfeiçoamento dos santos.*

1) A multiplicidade dos dons concedida à igreja pelo Espírito não está focalizada apenas no cristão que os recebe, mas tem um propósito bem mais amplo.

2) Quando o cristão deixa de exercer seus dons espirituais por não ter recebido uma nomeação formal, ele deixa de promover o próprio aperfeiçoamento espiritual, bem como de outros membros da comunidade.

3) De modo semelhante, os dons usados para a exaltação própria deturpam o propósito para o qual eles foram concedidos.

b) *Desempenho dos santos para o serviço.*

1) O aperfeiçoamento dos santos os leva ao serviço abnegado a Cristo e a seus irmãos.

2) Uma das maiores evidências do aperfeiçoamento espiritual do cristão é seu empenho missionário para expandir o Reino de Deus.

3) Ao exercer os dons que lhe foram concedidos, o cristão tem uma motivação permanente para o serviço, uma vez que ele está empenhado numa tarefa para a qual o próprio Deus o capacitou.

4) No desempenho dos santos para o serviço cristão não há uma hierarquia dos dons espirituais.

c) *Edificação da igreja.*

1) A edificação do corpo de Cristo é a finalidade da dispensação dos múltiplos dons do Espírito.

2) Conforme Paulo ilustra em 1 Coríntios 12, não seria possível ter um corpo só de olhos, ouvidos ou nariz.

3) Na ausência da ministração de um único dom, a igreja, que é o corpo de Cristo, pode deixar de ser edificada. O mesmo pode ocorrer quando alguém desempenha seus dons espirituais buscando supremacia humana sobre sua comunidade.

4) A edificação da igreja ocorre quando o cristão se coloca à disposição do Espírito e Ele o usa no desempenho dos dons que lhe apraz conceder, não importando a nomeação ou o benefício pessoal.

III – OS RESULTADOS DO USO DOS DONS

1. Ler Efésios 4:13.

2. Quando é alcançada a finalidade para a qual os dons espirituais foram concedidos por Deus à igreja, há alguns resultados.

a) *Unidade na fé.*

1) Um dos resultados do uso sábio dos dons na igreja é a unidade da fé. Quando cada dom é utilizado sob a

orientação e coordenação do Espírito Santo, Ele promove entre os crentes a unidade necessária para que a igreja seja conduzida por Cristo.

2) O contrário também é verdade. Quando os dons são ignorados ou mal utilizados, toda a igreja sofre (ver 1Co 12:21-25).

3) Não pode haver esperança de unidade sem a atuação do Espírito Santo no meio do corpo de Cristo.

b) *Pleno conhecimento de Cristo.*

1) A unidade entre os cristãos permite que o Senhor Se revele de modo mais pleno à Sua igreja (ver Mt 18:20).

2) Enquanto se digladiavam, os discípulos não puderam conhecer plenamente Cristo e Sua missão. Quando se uniram, o Senhor, de forma progressiva, Se revelou a eles.

3) O conhecimento íntimo de Cristo é o privilégio supremo de cada cristão. Revelar Cristo aos outros, inclusive aos da igreja, deve ser a consequência natural dessa comunhão diária com o Salvador.

c) *Plenitude espiritual em Cristo.*

1) A obra da santificação dura toda a vida do cristão.

2) Na unidade dos cristãos que adquirem diariamente mais conhecimento de Cristo, a consequência natural é o amadurecimento espiritual equilibrado.

CONCLUSÃO

1. Ler 1 Coríntios 12:25.

2. A igreja de Deus é o corpo de Cristo. A unidade, portanto, deve ser real, mesmo em meio às diferenças de seus membros.

3. Os dons espirituais são dádivas de Deus para promover a unidade da igreja e o aperfeiçoamento dos cristãos.

4. O Senhor concedeu dons a cada membro da igreja que devem ser empregados para que essa edificação e aperfeiçoamento aconteçam.

5. Não importa o dom que cada membro da igreja possui, ele é necessário e útil e não deve ser desprezado.

SERMÃO 10**COMPREENDENDO
A MISSÃO***Lucas 24:25-27***INTRODUÇÃO**

1. A passagem bíblica destaca a incompreensão dos discípulos quanto ao significado da obra do Messias.
2. O cumprimento da missão evangélica é afetado negativamente quando a igreja não tem clara compreensão da obra de Cristo em favor da humanidade.
3. Cristo deseja nos tornar conscientes da necessidade do cumprimento da missão.
4. A experiência dos discípulos nos ensina como concluir a missão.

I – COMPREENSÃO DAS ESCRITURAS

1. Ler Lucas 24:27.
2. As Escrituras Sagradas são tidas como candeia e luz para iluminar as trevas espirituais e são seu próprio intérprete (ver Sl 119:105; 2Pe 1:19; Lc 10:25, 26).
 - a) Ellen G. White afirma: “A Bíblia interpreta a si mesma. Um texto deve ser comparado com outro. O estudante deve aprender a encarar a Palavra como um todo, e ver a relação de suas partes. Deve adquirir conhecimento de seu grandioso tema central, ou seja, do propósito original de Deus em relação

ao mundo, da origem do grande conflito, e da obra da redenção” (*Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 462).

3. Apesar de conviver com Cristo por quase três anos, os discípulos tinham má compreensão de Sua missão. Algumas vezes, Cristo lhes falou acerca de Sua morte e ressurreição ao terceiro dia (ver Mt 16:21). Contudo, eles tinham dificuldades para entender e aceitar o fato de que Jesus não seria um governante terreno.

4. Tudo isso aconteceu porque eles tinham uma visão superficial das Escrituras. O entendimento deles estava fechado para as grandezas de Deus. Conseqüentemente, não estavam prontos para a missão evangélica. Eles queriam ver Cristo ocupar o trono do imperador romano e desejavam ser grandes homens nesse suposto reino.

5. E porque não entenderam a missão de Cristo na Terra, também não souberam o que fazer depois que Ele morreu. O resultado disso foi medo, portas, trancadas e falta de testemunho (ver Jo 20:19).

II – ABRE-SE O ENTENDIMENTO

1. Ler Lucas 24:30-32.

2. A mente dos discípulos estava bloqueada para entender o sentido da missão do Messias.

3. Uma correta compreensão desse cenário messiânico tinha que ter como fundamento o texto sagrado (ver Lc 24:25).

a) Ellen G. White escreveu: “Começando com Moisés, o próprio Alfa da história bíblica, Cristo expôs em todas as Escrituras as coisas que Lhe diziam respeito. Houvesse primeiro Se manifestado a eles, seu coração teria ficado satisfeito. Na plenitude de seu gozo, não teriam ambicionado nada mais. Mas era-lhes necessário compreender os testemunhos dados a

respeito dEle pelos símbolos e profecias do Antigo Testamento. Sobre estes devia se estabelecer sua fé. Cristo não operou nenhum milagre para os convencer, mas foi Seu primeiro trabalho explicar-lhes as Escrituras. Haviam considerado Sua morte a ruína de todas as suas esperanças. Então, Ele lhes mostrou pelos profetas que ali se achava a mais vigorosa prova de sua fé” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 796-799).

4. Ainda no domingo da ressurreição, Cristo apareceu aos discípulos reprovando-os por sua incredulidade. Ali, Cristo abriu o entendimento deles para que compreendessem Sua missão como descrita pela lei de Moisés, pelos profetas e pelos salmos (ver Lc 24:25, 27).

III – CONSCIÊNCIA DA MISSÃO

1. Ler Atos 5:40-42.

2. Começando por Jerusalém, os discípulos se conscientizaram de que sua missão evangélica alcançaria os confins da Terra (ver At 1:8).

3. Em reação à pregação evangélica e visível crescimento da igreja cristã, as autoridades judaicas não demoraram a perseguir os seguidores de Cristo.

4. A correta compreensão da obra do Messias com base no texto sagrado foi o dispositivo para sua conscientização para a obra missionária (ver At 4:10-13).

5. Após a cura do coxo no templo, lugar em que os crentes sempre estavam, Pedro e João foram presos. A intrepidez com que responderam ao sinédrio deixou todos impressionados. Havia algo de especial naqueles homens iletrados (ver At 4:14).

6. Como igreja, é fundamental que tenhamos consciência de nossa missão evangélica em favor do mundo.

a) Ellen G. White escreveu: “A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio tem sido plano de Deus que, por meio de Sua igreja seja refletida para o mundo Sua plenitude e sua ciência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo” (*Atos dos Apóstolos*, p. 9).

7. A missão da igreja será cumprida a partir de uma clara compreensão da teologia da missão manifestada no ministério de Cristo em favor da humanidade.

CONCLUSÃO

1. Ler Lucas 24:32.
2. Um dos grandes problemas que a igreja enfrenta hoje é o entendimento superficial da Bíblia e da missão.
3. Por meio do Espírito Santo, Cristo nos capacita a ter uma clara compreensão e consciência de nossa missão.
4. Precisamos buscar esse poder diariamente.

Caio Marcus de Melo Brandão Pereira
é pastor na região Nordeste do Brasil

SERMÃO 11

**FAÇAMOS
A OBRA**

João 9:4

INTRODUÇÃO

1. Como cristãos, precisamos fazer a diferença, testemunhando de Cristo para as pessoas que nos rodeiam.

2. Cristo nos chamou para atuar em nossa comunidade como o sal da Terra.

3. Nossa vida precisa ser uma ponte para boas amizades na vizinhança, na universidade, na empresa.

4. As redes sociais encurtam distâncias, proporcionam cenário adequado na comunicação, porém, o testemunho personalizado é algo insubstituível.

5. Esta é a obra! Por meio da amizade, apresentar Cristo às pessoas em nosso cotidiano. Como fazer essa obra? Como desenvolver amizades que podem transformar vidas?

I – CAMINHANDO COM JESUS

1. Ler João 9:1-7, 35-38.

2. O que Jesus viu ao caminhar?

3. Em relação ao nosso tempo, a medicina não era avançada na época de Cristo.

a) Para a mentalidade judaica da época, tudo era considerado juízo divino. Um enfermo de nascença era sinal de rejeição divina.

1) Ellen G. White escreveu: “O Salvador viu um caso de suprema miséria. Tratava-se de um homem que era paralítico por trinta e oito anos. Sua enfermidade era, em grande parte, resultado de seu próprio pecado, sendo considerada um juízo de Deus. Sozinho e sem amigos, sentindo-se excluído da misericórdia de Deus, o enfermo passara longos anos de miséria” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 202).

b) Cristo viu o que ninguém via ou não queria ver: um homem “rejeitado por Deus”, de acordo com o conceito da época.

c) Para a sociedade, aquele homem, estar vivo ou morto, não fazia diferença.

d) Esse foi o homem que Jesus viu e amou.

II – NEM ELE NEM SEUS PAIS

1. Ler João 9:1-3.

2. A diferença da visão de Cristo e a visão dos discípulos.

a) Os discípulos viram os pecados (“...quem pecou?”).

b) Cristo viu o homem pecador que necessitava de ajuda diante de uma sociedade religiosa omissa. Ele respondeu: “Nem ele pecou, nem seus pais.”

3. O objetivo do Senhor ao Se aproximar do ser humano era manifestar as obras de Deus em favor das pessoas (Jo 9:3).

4. À beira daquele tanque, o homem era alvo de:

- a) Crítica.
- b) Condenação.
- c) Rejeição

5. Ao aproximar-Se daquele homem, Cristo fez toda a diferença em sua vida.

a) No contexto da parábola do samaritano, a diferença ocorre quando o samaritano se aproxima do homem quase morto (ver Lc 10:33, 34).

b) O sacerdote e o levita passaram de largo.

c) Cristo teve postura diferente:

- 1) Ele o amou.
- 2) Ele o curou da cegueira.
- 3) Supriu suas necessidades mais profundas.
- 4) Apresentou ao cego o caminho da vida.

d) O resultado da ação de Cristo:

- 1) Houve salvação para aquele homem que havia sido rejeitado e esquecido pela sociedade.
- 2) O amor desinteressado de Cristo ficou evidente para aquele homem.

III – ESTA OBRA TAMBÊM É NOSSA

1. Ler João 9:4.

2. Como igreja, somos conclamados por Cristo para fazer a obra que Ele realizou no mundo.

a) “A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio tem sido plano de Deus que através de Sua igreja seja refletida para o mundo Sua plenitude e suficiência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória.” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 9).

b) A igreja desempenha papel fundamental na sociedade em que está inserida.

c) A obra missionária da igreja encontra seu modelo na pessoa de Cristo, que foi o Missionário por excelência.

1) “Cristo atraiu a Si o coração de Seus ouvintes pela manifestação de Seu amor e então, pouco a pouco, à medida que iam podendo suportar, Ele lhes desdobrava as grandes verdades do reino. Nós também devemos aprender a adaptar nossas atividades às condições do povo – para encontrar os homens onde eles se acham.” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 57).

3. A obra de Cristo precisa ser refletida na vida da igreja.

a) O cumprimento dessa obra implica na aproximação das pessoas.

b) Nos dias atuais, a sociedade é dividida em classes.

c) Como igreja, devemos ter a consciência de que Cristo rompeu as barreiras sociais de Seu tempo (ver Ef 2:13-17; Gl 2:26-28).

d) Nesse contexto, é necessário que consideremos as necessidades reais de nossa comunidade.

CONCLUSÃO

1. Ler Mateus 25:31-40.

2. As obras não são a causa da salvação, mas sua consequência (ver Ef 2:8-10).

3. Ao seguir o método evangelístico de Cristo estaremos:

a) Buscando nos aproximar das pessoas.

b) Demonstrando nosso interesse pelo seu bem-estar físico e espiritual.

c) Procurando suprir suas necessidades.

4. Façamos de Cristo nosso exemplo:

a) Quem está ao nosso lado? Quem compõe nossa rede de relacionamentos?

b) Jesus pode contar com você?

Geovane Souza é Ministerial
da União Sudeste Brasileira

SERMÃO 12

**PRÓXIMO
TEMA**

<Livro Bíblia>

INTRODUÇÃO

1.

A MISSÃO E A PÓS-MODERNIDADE

Atos 17:32

INTRODUÇÃO

1. Os tempos modernos testificam das mudanças culturais pelas quais atravessa a humanidade.

2. Vivemos numa época extremamente desafiadora para a pregação do evangelho.

a) Como falar de verdades absolutas para mentalidades pós-modernas?

I – MARCAS DO PÓS-MODERNISMO

1. Ler Colossenses 2:8.

2. O pós-modernismo impregnado em todos os segmentos da sociedade tem deixado suas marcas na vida das pessoas.

3. Essas marcas aparecem de várias formas.

a) *Imediatismo (aqui e agora).*

1) De acordo com a Bíblia, os eventos históricos obedecem a um propósito divino. O pós-modernismo nega o tempo como dimensão explicativa dos eventos e se preocupa apenas com o presente.

b) *A verdade.*

1) Segundo o pós-modernismo, a verdade se encontra na comunidade e nas histórias dos seus componentes. Cada

pessoa tem sua verdade particular. Tudo é subjetivo e relativo.

2) Se nada existe no plano sobrenatural para decidir o destino humano, então a noção de verdade, o significado da existência e seus valores passam a depender da situação.

c) *Pluralismo.*

1) Não existem valores absolutos. Não há referencial nos valores e crenças nem um objetivo comum que possa ser considerado verdade ou fato.

d) *Globalização.*

1) As pessoas sabem que vivem numa aldeia global. O internet lhes dá acesso instantâneo ao mundo. Nesse contexto, o pós-modernismo planeja o estabelecimento de uma, assim chamada, “nova ordem mundial”.

e) *Igreja.*

1) Para a mentalidade pós-moderna, a igreja é um poder dominante que manipula o pensamento e tolhe a liberdade de expressão. É irrelevante e não acompanha as mudanças do mundo.

f) *A busca pelo transcendente.*

1) Somente a experiência e a emoção são aprovadas; doutrinas são irrelevantes. O cristianismo é apenas uma opção religiosa.

g) *Descompromisso.*

1) Não raro, pós-modernistas que se voltam para o cristianismo revelam tendências para escolher quais ensinamentos aceitar, e se mostram relutantes quando

são chamados a assumir compromisso pleno e permanente.

II – ALCANÇANDO A MENTALIDADE PÓS-MODERNA

1. Ler 1 Coríntios 9:20-22.

2. Paulo procurava alcançar as pessoas em seu devido contexto com a mensagem do evangelho.

3. Na tarefa de evangelizar indivíduos pós-modernos, precisamos considerar alguns pontos:

a) *Contextualização.*

1) Se o comunicador deseja ser ouvido e entendido, deve começar com o ouvinte onde ele se encontra; não onde imagina que ele esteja nem onde gostaria que ele estivesse.

2) A encarnação de Cristo é o maior exemplo de contextualização (ver Jo 1:14). As pessoas têm que receber a mensagem na linguagem que lhes seja inteligível. O exemplo de Paulo demonstra isso de forma clara (ver 1Co 9:22).

b) *Metodologia adequada.*

1) Segundo alguns historiadores, a sociedade do primeiro século lidava com situações semelhantes às da sociedade contemporânea, tais como: prostituição, prática do aborto, homossexualidade, envolvimento com espetáculos teatrais e danças, eventos esportivos, além de intenso materialismo.

2) Nossa tarefa é contar a velha história adaptando-a numa forma de linguagem e pensamentos capazes de comunicar seu significado a um auditório diferente. A história a ser contada é a mesma, porém o método, a

abordagem da comunicação, a fim de que nossa proclamação faça sentido ao mundo pós-moderno, é passível de mudança.

c) A atuação do Espírito Santo.

1) Cristo recomendou aos discípulos que não se ausentassem de Jerusalém sem que a promessa do derramamento do Espírito Santo fosse cumprida (ver At 1:4).

2) Mediante Seu poder e influência, o Espírito Santo, desenvolve em nós sabedoria, visão e tato para que identifiquemos possibilidades a fim de melhor pregarmos o evangelho para a mentalidade pós-moderna.

d) Visão evangelística.

1) A igreja não é do mundo, mas está no mundo (ver Jo 17:14-16).

2) Esse fato pressupõe a necessidade de a igreja desenvolver estratégias para cumprir a missão. Eis algumas delas:

a. Evangelismo da amizade.

1) Mark Finley, teólogo adventista, afirma: “O evangelismo pessoal é a melhor forma de ganhar o secularista. Somente pessoas conquistam pessoas num relacionamento humano interpessoal.”

b. Pregação relevante.

1) Nem sempre exposições teológicas são relevantes para a pessoa que luta contra o desespero. A pregação precisa alcançar as pessoas em suas necessidades.

c. *Projetos comunitários.*

1) Relacionamentos comunitários podem abrir portas entre os pós-modernistas.

2) São de grande importância os programas de saúde e educação para implantar valores físicos e morais nos jovens e nas crianças.

CONCLUSÃO

1. Ler 1 Crônicas 12:32.

2. A igreja precisa compreender o contexto cultural em que vive a fim de contextualizar devidamente a mensagem em sua proclamação.

Zinaldo Santos é editor na
Casa Publicadora Brasileira

Extraído e adaptado do livro
Teologia e Metodologia da Missão

A GRANDE (C)OMISSÃO

Mateus 28:18-20

INTRODUÇÃO

1. Nos últimos 50 anos, cerca de 13 milhões de fiéis deixaram a igreja. Para uma denominação religiosa que acaba de passar dos 20 milhões de fiéis, certamente isso é muito!

2. Devido a isso, um sinal de alerta tem sido acionado pelos líderes da denominação. Em 2013, um encontro em nível global reuniu líderes, teólogos e evangelistas para discutir a questão da nutrição e retenção de membros (adventistresearch.org/nurture_home).

a) Os congressistas reconheceram que a Igreja, talvez por uma visão limitada de missão, tem priorizado a persuasão para o batismo, mas negligenciado a tarefa igualmente essencial do discipulado.

3. Um olhar mais atento ao ministério de Jesus pode nos ajudar a fazer uma leitura mais ampla do texto da “grande comissão”, registrado em Mateus 28:18-20.

I – CRISTO, NOSSO MODELO DE MISSIONÁRIO

1. Missionário não é apenas aquele que atravessa o oceano para testemunhar de Jesus em outra cultura. Na verdade, é todo aquele que se apresenta disponível para testemunhar de Cristo no contexto em que vive: seja aqui ou além-mar.

2. Cristo foi missionário por excelência:

- a) na Sua encarnação encontramos a motivação para a missão (Fp 2:5-9);
- b) em Seu ministério temos o modelo para a missão (Lc 4:18, 19; Mt 9:35);
- c) na Sua morte, ressurreição, sacerdócio celestial e retorno iminente está a mensagem da missão (At 3:15; Ap 14:6-12);
- d) na comissão feita por Ele encontramos a ordem e a promessa da missão (Mt 28:18-20).

3. Nosso conceito de missão e nossa motivação para nos engajarmos nela determinam nossas práticas missionárias. Se entendermos missão apenas como proclamação de uma mensagem e não transformação de vidas, talvez nos contentemos em levar as pessoas ao batismo, sem nos preocupar com que se desenvolvam espiritualmente e se sintam parte de uma comunidade.

4. Segundo Ellen White, “o Salvador misturava-Se com os homens como alguém que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’ (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

- a) Observe que o convite para segui-Lo era feito depois de Jesus ter servido a pessoa, suprido as necessidades dela e ter construído uma relação de confiança.

II – A IGREJA: EXTENSÃO DE CRISTO

1. Tendo Jesus como a mensagem e Seu ministério como o modelo da missão, a igreja precisa se enxergar como Seus pés e Suas mãos hoje. Afinal, por ser o corpo de Cristo, a igreja tem uma ligação orgânica com seu Cabeça (Ef 5:23).

2. Das cinco referências bíblicas sobre a “grande comissão” (Mt 28:18-20; Mc 16:14-18; Lc 24:36-49; Jo 20:19-23; At 1:8), a mais completa delas foi registrada por Mateus.

a) Essa ordem de Cristo marcou o clímax do Seu ministério e a proclamação de uma nova era: o estabelecimento do reino da graça de Deus. A beleza e a profundidade de Mateus 28:18-20 tem intrigado muitos teólogos e missiólogos.

b) Muito se tem dito e escrito também sobre os tempos verbais das ações que aparecem nesse texto. No entanto, o teólogo Frederick Bruner enxerga nele cinco “todos” que apontam para a integralidade da missão: (a) *toda* a autoridade foi dada a Jesus; (b) o evangelho deve alcançar *todas* as nações; (c) precisa ser pregado em nome de *toda* a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo); (d) deve contemplar o ensino de *todas* as coisas; (e) na certeza de que teremos a direção divina por *todos* os dias.

III – FAZER DISCÍPULOS

1. Se o “coração” da grande comissão é fazer discípulos, é preciso pensar como isso acontece. A figura do discípulo remete a um contexto de aprendizagem, de ensino. O discípulo é alguém em construção que está disposto a ser transformado e seguir de perto os passos do Mestre.

2. Nessa linha, o teólogo adventista Russell Burrill defende que discipulado envolve:

a) submissão,

b) compromisso

c) disposição para o aprendizado. E, nesse processo, o discípulo é reconciliado com Deus, vive em comunidade (igreja) e serve o mundo (ministério segundo os dons).

3. Logo, o discipulado começa antes do batismo e se estende por toda a vida. Ele é progressivo, comunitário, mentoreado e referenciado em Cristo.

4. A igreja é uma comunidade de discípulos organizada para multiplicar discípulos.

a) Se isso não está claro para uma congregação ou se esse ideal não se reflete no investimento de tempo, esforço e dinheiro dessa comunidade, talvez ela esteja incorrendo na “grande omissão” em vez de estar engajada na grande comissão.

CONCLUSÃO

1. Se levarmos a sério a questão do discipulado, provavelmente o índice de apostasia da igreja, bem como de pessoas inativas no corpo de Cristo, será sensivelmente reduzido. Mais do que isso, o crescimento pode passar a ser exponencial.

2. Mais do que instruir formalmente alguém, o discipulador deve investir sua vida na vida do discípulo. Isso demanda tempo, convivência, intimidade e autossacrifício. Parafraseando Jesus, é preciso que o grão caia na terra e morra para poder gerar frutos (Jo 12:24).

Pr. Wendel Lima

Editor na Casa Publicadora Brasileira

UM DISCÍPULO COMPROMETIDO

Lucas 23:50-56; João 19:38-42

INTRODUÇÃO

1. José de Arimateia é mencionado nos quatro evangelhos, que descrevem seu esforço em prover uma sepultura digna para o corpo de Jesus. Ele era rico (Mt 27:59) e membro ilustre do Sinédrio (Mc 15:43). Lucas o chamou de bom e justo. Tinha boas relações com Nicodemos, outro membro do Sinédrio, que havia se encontrado com Jesus de noite (Jo 3).

a) Possivelmente, tenha sido o testemunho de Nicodemos que despertou o interesse de José de Arimateia (Jo 7:50-52).

2. José havia aceitado Jesus como sendo o Messias. No entanto, não tornou pública sua conversão, pois tinha medo dos judeus (Jo 7:13; 19:38). Eles haviam decidido que, se alguém confessasse ser Jesus o Messias, deveria ser expulso da sinagoga (Jo 9:22). Para José de Arimateia, isso significava perder seu cargo no Sinédrio e toda sua influência e prestígio.

a) Ele se deixou dominar pelo medo. Era um discípulo tímido e imaturo, que ainda não estava disposto a entregar e arriscar tudo por seu Mestre.

b) Sua hesitação lembra os cristãos que não testemunham publicamente de sua fé e que não estão dispostos a entregar tudo pelo Mestre.

I – DE TÍMIDO A COMPROMETIDO

1. A experiência da cruz mudou a atitude de José de Arimateia. Ao presenciar o sacrifício de Cristo, ele se comprometeu publicamente como discípulo.

2. De idêntica maneira, a experiência da cruz transforma a vida das pessoas, incluindo aquelas que têm um compromisso apenas superficial com Cristo.

a) “Ao meditar assim em Seu grande amor e sacrifício por nós, nossa confiança nEle será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos constantemente imbuídos de Seu Espírito.

Se queremos ser salvos afinal, teremos que aprender ao pé da cruz a lição de arrependimento e humilhação” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 83).

II – ATITUDE RENOVADA

1. Após entender o imenso amor de Cristo demonstrado em Seu sacrifício, José de Arimateia experimentou uma transformação em sua atitude para com o Salvador. O até então hesitante discípulo passou a agir como um discípulo comprometido do Mestre.

a) *O discípulo demonstra coragem para testemunhar do Mestre.* José se dirigiu “resolutamente” a Pilatos (Mc 15:43), dando testemunho público de sua fé perante o governador (Mt 10:18).

b) *O discípulo renuncia tudo pelo Mestre.* José se dispôs a perder tudo ao tornar pública sua fé em Cristo. Provavelmente, tenha sido destituído do Sinédrio, e tenha perdido seu prestígio e influência.

c) *O discípulo entrega o melhor para o Mestre.* José doou sua sepultura nova para Jesus. Também providenciou os tecidos de linho e, junto com Nicodemos, comprou unguentos caríssimos para preparar o corpo de Cristo.

d) *O discípulo respeita o que é sagrado.* José providenciou para que o corpo do Salvador não fosse jogado na cova em que eram enterrados os criminosos comuns. Sua atitude demonstra reverência e respeito.

e) *O discípulo se prepara e guarda cuidadosamente o sábado, o dia do Mestre.* Mesmo ocupado com o sepultamento de Jesus, José foi bastante cuidadoso com a guarda do sábado. Na hora de início do dia santo, já não mais estava ocupado com o sepultamento de Jesus.

III – MISSÃO PROFÉTICA

1. O discípulo conhece bem as Escrituras, especialmente as profecias. José de Arimateia, como membro do Sinédrio, era um grande conhecedor do Antigo Testamento. Ele foi usado por Deus para cumprir duas profecias bíblicas.

2. O discípulo aplica as profecias à sua vida. Em Isaías 53:9 estava predito que o Salvador teria a morte de um criminoso, mas seria sepultado como um rico. Isaías 22:16, descreve uma sepultura cavada na rocha. José de Arimateia conhecia as predições e foi usado por Deus para cumpri-las.

a) O comentarista Warren W. Wiersbe sugere que José de Arimateia interpretou as profecias referentes à morte do Salvador e providenciou antecipadamente que um túmulo fosse escavado na rocha próximo ao local de execução a fim de que Jesus fosse sepultado nele. Também comprou antes do feriado da Páscoa os tecidos e unguentos para o sepultamento de Cristo (*Comentário Bíblico Expositivo*, v. 6, p. 498, 499).

b) Ele teve consciência do tempo profético que vivia e da missão profética que devia desempenhar.

CONCLUSÃO

1. Assim como José de Arimateia, devemos buscar junto à cruz de Cristo a renovação de nosso compromisso com o Mestre. Fazemos isso ao meditar no amor de Deus e ao refletir sobre a descrição bíblica do sacrifício de Jesus.

2. Deus espera que testemunhemos publicamente nossa fé, estejamos dispostos a renunciar a tudo por Cristo, dediquemos nosso melhor a Deus, tenhamos reverência para com o que é sagrado, inclusive para com a observância do sábado.

3. Deus nos deu uma missão profética. Vivemos num tempo profético, e há profecias que dizem respeito a nós como povo de Deus dos últimos dias. Cabe-nos conhecer as profecias e entender o papel que devemos desempenhar no cumprimento da vontade de Deus no mundo.

Pr. Fernando Dias

Editor na Casa Publicadora Brasileira

**MINISTÉRIO DE
TODOS OS CRENTES**

Efésios 4:11-13

INTRODUÇÃO

1. Cristo equipou Sua igreja com a dádiva dos dons espirituais.

a) É indispensável que cada membro da igreja tenha uma clara compreensão a respeito dos dons espirituais e suas funções.

2. O brado da reforma protestante no século 16, que buscou resgatar o ministério de todos os santos, precisa ecoar na mente dos cristãos modernos, motivando-os a exercer seu ministério junto à comunidade de crentes na qual congregam.

3. Cada cristão deve buscar descobrir e desenvolver os dons que lhe foram concedidos segundo a orientação divina.

I – A UTILIZAÇÃO DOS DONS

1. Ler Efésios 4:11.

2. Esse texto deixa claro que Cristo agraciou

Sua igreja com distintos dons espirituais.

a) A diversidade desses dons é uma necessidade da igreja que o Espírito atende conforme Lhe é conveniente (ver 1Co 12:11).

3. Os dons têm igual valor. Na ilustração do corpo humano (ver 1Co 12:12-31) Paulo deixa claro que cada dom concedido tem sua utilidade e valor.

4. Não é a visibilidade dos dons que lhes confere valor, mas o desempenho deles em favor da unidade da igreja.

- a) Os dons não devem levar ninguém a um sentimento de vanglória, mas de disponibilidade para o serviço.
- b) A Bíblia dá instruções quanto à finalidade do uso dos dons, bem como do resultado esperado dessa utilização.

II – A FINALIDADE DOS DONS

1. Ler Efésios 4:12.

2. Os dons espirituais foram concedidos à igreja para cumprir algumas finalidades:

a) Aperfeiçoamento dos santos.

1) A multiplicidade dos dons concedida à igreja pelo Espírito não está focalizada apenas no cristão que os recebe, mas tem um propósito bem mais amplo.

2) Quando o cristão deixa de exercer seus dons espirituais por não ter recebido uma nomeação formal, ele deixa de promover o próprio aperfeiçoamento espiritual, bem como de outros membros da comunidade.

3) De modo semelhante, os dons usados para a exaltação própria deturpam o propósito para o qual eles foram concedidos.

b) Desempenho dos santos para o serviço.

1) O aperfeiçoamento dos santos os leva ao serviço abnegado a Cristo e a seus irmãos.

2) Uma das maiores evidências do aperfeiçoamento espiritual do cristão é seu empenho missionário para expandir o Reino de Deus.

3) Ao exercer os dons que lhe foram concedidos, o cristão tem uma motivação permanente para o serviço, uma vez

que ele está empenhado numa tarefa para a qual o próprio Deus o capacitou.

4) No desempenho dos santos para o serviço cristão não há uma hierarquia dos dons espirituais.

c) Edificação da igreja.

1) A edificação do corpo de Cristo é a finalidade da dispensação dos múltiplos dons do Espírito.

2) Conforme Paulo ilustra em 1 Coríntios 12, não seria possível ter um corpo só de olhos, ouvidos ou nariz.

3) Na ausência da ministração de um único dom, a igreja, que é o corpo de Cristo, pode deixar de ser edificada. O mesmo pode ocorrer quando alguém desempenha seus dons espirituais buscando supremacia humana sobre sua comunidade.

4) A edificação da igreja ocorre quando o cristão se coloca à disposição do Espírito e Ele o usa no desempenho dos dons que Lhe apraz conceder, não importando a nomeação ou o benefício pessoal.

III – OS RESULTADOS DO USO DOS DONS

1. Ler Efésios 4:13.

2. Quando é alcançada a finalidade para a qual os dons espirituais foram concedidos por Deus à igreja, há alguns resultados.

a) Unidade na fé.

1) Um dos resultados do uso sábio dos dons na igreja é a unidade da fé. Quando cada dom é utilizado sob a orientação e coordenação do Espírito Santo, Ele promove

entre os crentes a unidade necessária para que a igreja seja conduzida por Cristo.

2) O contrário também é verdade. Quando os dons são ignorados ou mal utilizados, toda a igreja sofre (ver 1Co 12:21-25).

3) Não pode haver esperança de unidade sem a atuação do Espírito Santo no meio do corpo de Cristo.

b) *Pleno conhecimento de Cristo.*

1) A unidade entre os cristãos permite que o Senhor Se revele de modo mais pleno à Sua igreja (ver Mt 18:20).

2) Enquanto se digladiavam, os discípulos não puderam conhecer plenamente Cristo e Sua missão. Quando se uniram, o Senhor, de forma progressiva, Se revelou a eles.

3) O conhecimento íntimo de Cristo é o privilégio supremo de cada cristão. Revelar Cristo aos outros, inclusive aos da igreja, deve ser a consequência natural dessa comunhão diária com o Salvador.

c) *Plenitude espiritual em Cristo.*

1) A obra da santificação dura toda a vida do cristão.

2) Na unidade dos cristãos que adquirem diariamente mais conhecimento de Cristo, a consequência natural é o amadurecimento espiritual equilibrado.

CONCLUSÃO

1. Ler 1 Coríntios 12:25.

2. A igreja de Deus é o corpo de Cristo. A unidade, portanto, deve ser real, mesmo em meio às diferenças de seus membros.

3. Os dons espirituais são dádivas de Deus para promover a unidade da igreja e o aperfeiçoamento dos cristãos.

4. O Senhor concedeu dons a cada membro da igreja que devem ser empregados para que essa edificação e aperfeiçoamento aconteçam.

5. Não importa o dom que cada membro da igreja possui, ele é necessário e útil e não deve ser desprezado.

COMPREENDENDO A MISSÃO

Lucas 24:25-27

INTRODUÇÃO

1. A passagem bíblica destaca a incompreensão dos discípulos quanto ao significado da obra do Messias.
2. O cumprimento da missão evangélica é afetado negativamente quando a igreja não tem clara compreensão da obra de Cristo em favor da humanidade.
3. Cristo deseja nos tornar conscientes da necessidade do cumprimento da missão.
4. A experiência dos discípulos nos ensina como concluir a missão.

I – COMPREENSÃO DAS ESCRITURAS

1. Ler Lucas 24:27.
2. As Escrituras Sagradas são tidas como candeia e luz para iluminar as trevas espirituais e são seu próprio intérprete (ver Sl 119:105; 2Pe 1:19; Lc 10:25, 26).
 - a) Ellen G. White afirma: “A Bíblia interpreta a si mesma. Um texto deve ser comparado com outro. O estudante deve aprender a encarar a Palavra como um todo, e ver a relação de suas partes. Deve adquirir conhecimento de seu grandioso tema central, ou seja, do propósito original de Deus em relação

ao mundo, da origem do grande conflito, e da obra da redenção” (*Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 462).

3. Apesar de conviver com Cristo por quase três anos, os discípulos tinham má compreensão de Sua missão. Algumas vezes, Cristo lhes falou acerca de Sua morte e ressurreição ao terceiro dia (ver Mt 16:21). Contudo, eles tinham dificuldades para entender e aceitar o fato de que Jesus não seria um governante terreno.

4. Tudo isso aconteceu porque eles tinham uma visão superficial das Escrituras. O entendimento deles estava fechado para as grandezas de Deus. Conseqüentemente, não estavam prontos para a missão evangélica. Eles queriam ver Cristo ocupar o trono do imperador romano e desejavam ser grandes homens nesse suposto reino.

5. E porque não entenderam a missão de Cristo na Terra, também não souberam o que fazer depois que Ele morreu. O resultado disso foi medo, portas, trancadas e falta de testemunho (ver Jo 20:19).

II – ABRE-SE O ENTENDIMENTO

1. Ler Lucas 24:30-32.

2. A mente dos discípulos estava bloqueada para entender o sentido da missão do Messias.

3. Uma correta compreensão desse cenário messiânico tinha que ter como fundamento o texto sagrado (ver Lc 24:25).

a) Ellen G. White escreveu: “Começando com Moisés, o próprio Alfa da história bíblica, Cristo expôs em todas as Escrituras as coisas que Lhe diziam respeito. Houvesse primeiro Se manifestado a eles, seu coração teria ficado satisfeito. Na plenitude de seu gozo, não teriam ambicionado nada mais. Mas era-lhes necessário compreender os testemunhos dados a

respeito dEle pelos símbolos e profecias do Antigo Testamento. Sobre estes devia se estabelecer sua fé. Cristo não operou nenhum milagre para os convencer, mas foi Seu primeiro trabalho explicar-lhes as Escrituras. Haviam considerado Sua morte a ruína de todas as suas esperanças. Então, Ele lhes mostrou pelos profetas que ali se achava a mais vigorosa prova de sua fé” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 796-799).

4. Ainda no domingo da ressurreição, Cristo apareceu aos discípulos reprovando-os por sua incredulidade. Ali, Cristo abriu o entendimento deles para que compreendessem Sua missão como descrita pela lei de Moisés, pelos profetas e pelos salmos (ver Lc 24:25, 27).

III – CONSCIÊNCIA DA MISSÃO

1. Ler Atos 5:40-42.

2. Começando por Jerusalém, os discípulos se conscientizaram de que sua missão evangélica alcançaria os confins da Terra (ver At 1:8).

3. Em reação à pregação evangélica e visível crescimento da igreja cristã, as autoridades judaicas não demoraram a perseguir os seguidores de Cristo.

4. A correta compreensão da obra do Messias com base no texto sagrado foi o dispositivo para sua conscientização para a obra missionária (ver At 4:10-13).

5. Após a cura do coxo no templo, lugar em que os crentes sempre estavam, Pedro e João foram presos. A intrepidez com que responderam ao sinédrio deixou todos impressionados. Havia algo de especial naqueles homens iletrados (ver At 4:14).

6. Como igreja, é fundamental que tenhamos consciência de nossa missão evangélica em favor do mundo.

a) Ellen G. White escreveu: “A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio tem sido plano de Deus que, por meio de Sua igreja seja refletida para o mundo Sua plenitude e sua ciência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo” (*Atos dos Apóstolos*, p. 9).

7. A missão da igreja será cumprida a partir de uma clara compreensão da teologia da missão manifestada no ministério de Cristo em favor da humanidade.

CONCLUSÃO

1. Ler Lucas 24:32.

2. Um dos grandes problemas que a igreja enfrenta hoje é o entendimento superficial da Bíblia e da missão.

3. Por meio do Espírito Santo, Cristo nos capacita a ter uma clara compreensão e consciência de nossa missão.

4. Precisamos buscar esse poder diariamente.

Caio Marcus de Melo Brandão Pereira

é pastor na região Nordeste do Brasil

FAÇAMOS A OBRA

João 9:4

INTRODUÇÃO

1. Como cristãos, precisamos fazer a diferença, testemunhando de Cristo para as pessoas que nos rodeiam.

2. Cristo nos chamou para atuar em nossa comunidade como o sal da Terra.

3. Nossa vida precisa ser uma ponte para boas amizades na vizinhança, na universidade, na empresa.

4. As redes sociais encurtam distâncias, proporcionam cenário adequado na comunicação, porém, o testemunho personalizado é algo insubstituível.

5. Esta é a obra! Por meio da amizade, apresentar Cristo às pessoas em nosso cotidiano. Como fazer essa obra? Como desenvolver amizades que podem transformar vidas?

I – CAMINHANDO COM JESUS

1. Ler João 9:1-7, 35-38.

2. O que Jesus viu ao caminhar?

3. Em relação ao nosso tempo, a medicina não era avançada na época de Cristo.

a) Para a mentalidade judaica da época, tudo era considerado juízo divino. Um enfermo de nascença era sinal de rejeição divina.

1) Ellen G. White escreveu: “O Salvador viu um caso de suprema miséria. Tratava-se de um homem que era paralítico por trinta e oito anos. Sua enfermidade era, em grande parte, resultado de seu próprio pecado, sendo considerada um juízo de Deus. Sozinho e sem amigos, sentindo-se excluído da misericórdia de Deus, o enfermo passara longos anos de miséria” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 202).

b) Cristo viu o que ninguém via ou não queria ver: um homem “rejeitado por Deus”, de acordo com o conceito da época.

c) Para a sociedade, aquele homem, estar vivo ou morto, não fazia diferença.

d) Esse foi o homem que Jesus viu e amou.

II – NEM ELE NEM SEUS PAIS

1. Ler João 9:1-3.

2. A diferença da visão de Cristo e a visão dos discípulos.

a) Os discípulos viram os pecados (“...quem pecou?”).

b) Cristo viu o homem pecador que necessitava de ajuda diante de uma sociedade religiosa omissa. Ele respondeu: “Nem ele pecou, nem seus pais.”

3. O objetivo do Senhor ao Se aproximar do ser humano era manifestar as obras de Deus em favor das pessoas (Jo 9:3).

4. À beira daquele tanque, o homem era alvo de:

- a) Crítica.
- b) Condenação.
- c) Rejeição

5. Ao aproximar-Se daquele homem, Cristo fez toda a diferença em sua vida.

a) No contexto da parábola do samaritano, a diferença ocorre quando o samaritano se aproxima do homem quase morto (ver Lc 10:33, 34).

b) O sacerdote e o levita passaram de largo.

c) Cristo teve postura diferente:

- 1) Ele o amou.
- 2) Ele o curou da cegueira.
- 3) Supriu suas necessidades mais profundas.
- 4) Apresentou ao cego o caminho da vida.

d) O resultado da ação de Cristo:

- 1) Houve salvação para aquele homem que havia sido rejeitado e esquecido pela sociedade.
- 2) O amor desinteressado de Cristo ficou evidente para aquele homem.

III – ESTA OBRA TAMBÊM É NOSSA

1. Ler João 9:4.

2. Como igreja, somos conclamados por Cristo para fazer a obra que Ele realizou no mundo.

a) “A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio tem sido plano de Deus que através de Sua igreja seja refletida para o mundo Sua plenitude e suficiência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória.” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 9).

b) A igreja desempenha papel fundamental na sociedade em que está inserida.

c) A obra missionária da igreja encontra seu modelo na pessoa de Cristo, que foi o Missionário por excelência.

1) “Cristo atraiu a Si o coração de Seus ouvintes pela manifestação de Seu amor e então, pouco a pouco, à medida que iam podendo suportar, Ele lhes desdobrava as grandes verdades do reino. Nós também devemos aprender a adaptar nossas atividades às condições do povo – para encontrar os homens onde eles se acham.” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 57).

3. A obra de Cristo precisa ser refletida na vida da igreja.

a) O cumprimento dessa obra implica na aproximação das pessoas.

b) Nos dias atuais, a sociedade é dividida em classes.

c) Como igreja, devemos ter a consciência de que Cristo rompeu as barreiras sociais de Seu tempo (ver Ef 2:13-17; Gl 2:26-28).

d) Nesse contexto, é necessário que consideremos as necessidades reais de nossa comunidade.

CONCLUSÃO

1. Ler Mateus 25:31-40.

2. As obras não são a causa da salvação, mas sua consequência (ver Ef 2:8-10).

3. Ao seguir o método evangelístico de Cristo estaremos:

a) Buscando nos aproximar das pessoas.

b) Demonstrando nosso interesse pelo seu bem-estar físico e espiritual.

c) Procurando suprir suas necessidades.

4. Façamos de Cristo nosso exemplo:

a) Quem está ao nosso lado? Quem compõe nossa rede de relacionamentos?

b) Jesus pode contar com você?

Geovane Souza é Ministerial
da União Sudeste Brasileira